

## **MANUEL BANDEIRA: O TRADUTOR MODERNISTA**

## **MANUEL BANDEIRA: THE MODERNIST TRANSLATOR**

**Cristiane Venzke Nogueira**

Graduada em Letras Português Espanhol  
Professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná  
E-mail: cris\_cvel@hotmail.com

### **RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo tratar sobre o tradutor Manuel Bandeira, papel relativamente desconhecido. Nesse trabalho será abordada a visibilidade do tradutor, ou seja, a influência que ele poderia ter na condução do texto. Será discutido um pouco da vida e de outras circunstâncias biográficas de Bandeira. Em seguida, seu estilo e características como autor serão observados. Após, será feito um histórico de Bandeira como tradutor, e serão analisadas algumas obras traduzidas por ele, para que se encontre na tradução, traços de estilos do tradutor e, principalmente, do autor. Para isso, será feita a análise de algumas obras de autores diversos, traduzidos por Manuel Bandeira. Para os propósitos desse artigo, foram escolhidos os autores Emily Dickinson, Langston Hugues e Elizabeth Barret Browning e Archibald Machleish.

**Palavras-chave:** Tradução. Manuel Bandeira. Análise de poesias.

### **ABSTRACT**

This article aims to address the translator Manuel Bandeira, with a relatively unknown role. In this work it will be addressed the visibility of the translator, or the influence he could have on the conduct of the text. It will be discussed a bit of life and other biographical circumstances of Bandeira. Then his style and characteristics as an author will be observed. After, it will be done a historic about Bandeira as a translator, and it will be analyzed some works made by him, to find in those translations, the translator traces of styles, especially by the author. For this it will be made an analysis of some works of various authors, translated by Manuel Bandeira. For the purposes of this article, the chosen authors were Emily Dickinson, Langston Hughes, Elizabeth Barrett Browning and Archibald Machleish.

**Key-words:** Translation. Manuel Bandeira. Analysis of poetry.

## INTRODUÇÃO

O ato de tradução implica muito do conhecimento e do estilo pessoal do tradutor, seu conhecimento de vida, suas características e gostos. Mesmo que, por muito tempo, se tenha buscado a "isenção total", ou invisibilidade do tradutor, ela de fato não existe. É impossível que não haja nenhuma interferência do autor na reescritura da obra para a língua-alvo. Para provar a desvinculação da autoria com a tradução, nem sempre grande autores podem tornar-se grandes tradutores, ou tradutores conseguem "tirar coisas do nada", criando como autores. Mas o contrário também ocorre: especialmente o caso de autores que se tornam tradutores de obras importantes, com competência. Essa preocupação ocorre, principalmente, na tradução literária e, especialmente, na área da poesia, pois é considerada até mesmo intraduzível, por muitos autores famosos.

Manuel Bandeira, figura central do modernismo é conhecido de quase todos que tenham o mínimo contato com a literatura. Porém, existe um Manuel Bandeira desconhecido da maioria das pessoas, que traduziu obras importantes da literatura mundial para a língua portuguesa. E é sobre esse Manuel Bandeira relativamente desconhecido, o tradutor, que trata esse artigo. Em primeiro lugar, ele discutirá a visibilidade do tradutor, ou seja, a influência que ele poderia ter na condução do texto, de forma a ser um coautor da obra, e não simplesmente um transpositor, no papel privilegiado de um leitor mais atento.

Será discutido aqui um pouco da vida e de outras circunstâncias biográficas de Bandeira. Em seguida, seu estilo e características como autor serão observados. Após, será feito um histórico de Bandeira como tradutor, e serão analisadas algumas obras traduzidas por ele, para que se encontre na tradução, traços de estilos do tradutor e, principalmente, do autor. O objetivo da análise é mostrar que o autor influencia da obra traduzida, desde a escolha dos autores traduzidos, até em pormenores, como escolha de rimas e palavras. Para isso, será feita a análise de algumas obras de autores diversos, traduzidos por Manuel Bandeira. Para os propósitos desse artigo, foram escolhidos os autores Emily Dickinson, Langston Hugues e Elizabeth Barret Browning e Archibald Machleish.

### **1 TRADUTOR DO INTRADUZÍVEL – OU OS PARADOXOS DA TRADUÇÃO DE POESIA**

Manuel Bandeira, motivo desse artigo, e também grande teorizador da tradução, escreveu poemas diretamente em francês e, ao tentar traduzir sua própria obra, depara-se com um problema, conforme podemos ver:

Certa vez eu estava me preparando para uma edição das Poesias Completas, quis acabar com isso de versos em francês, que poderia parecer pretensão de minha parte, e esforcei-me por traduzi-los. Pois fracassei completamente, eu que tenho traduzido tantos versos alheios. Outra experiência minha: mandaram-me um dia uma tradução para o francês de um poema meu, pedindo-me não só sobre ela desse a minha opinião, como emendasse mudasse à vontade. Pus mão à obra e vi que para ser fiel ao meu sentimento teria que suprimir certas coisas e acrescentar outras. No fim, não deu também nada que prestasse. Tudo isso me confirmou na idéia de que poesia é mesmo coisa intraduzível. (BANDEIRA, apud PAES, 2000. p. 56)

Disso se pode deprender as dificuldades e as limitações que surgem dentro de uma tradução. Quando se trata de uma história da literatura, pouco se diz a respeito da história da tradução. Sílvio Romero, autor do livro *História da Literatura Brasileira*, mostra até mesmo preconceito com relação à tradução de poesia, considerando uma grande perda de tempo e paciência inutilmente gasta, pois "poesia não se traslada sem perder a maior parte de sua essência". (ROMERO apud. PAES, 2000, p. 9).

Mesmo querendo atribuir um papel invisível à figura do tradutor, ou colocando-o em evidência apenas para chamá-lo de traidor. Claro está que, no Brasil, não houve uma grande influência de tradutores na formação da literatura nacional, mas, num exame mais atento, podemos ver que a maior parte das línguas europeias, entre outras faladas do mundo foram influenciadas, revolucionadas ou, até mesmo criadas ou oficializadas graças à literatura traduzida. (DELISLE e WOODSWORTH, 1998).

No entanto, somente no século XX a tradução passou a ser vista como um trabalho sério e profissão no Brasil. Mesmo que sempre houvesse os que estavam a favor ou contra, o tradutor continuou sendo aquele que, quanto melhor fosse a tradução, menos traços do tradutor seriam vistos nela. Esse pensamento ficou tão forte na mente dos autores, que o próprio Robert Frost (apud PAES, 2000: 35) afirmou "poesia é tudo o que se perde na tradução".

A tradução da poesia, como foi visto pela própria voz do poeta Manuel Bandeira, tem uma grande diferença da prosa literária no geral, podendo gerar grandes problemas de tradução, por diversos motivos que serão abordados a seguir. W. H. Auden (apud PAES, 2000: 35) chega a afirmar que "a essencial diferença entre a prosa e a poesia (reside) no fato de a prosa poder ser traduzida em outra língua, mas a poesia não.). Auden ainda aponta as diferenças entre os elementos traduzíveis e intraduzíveis de uma poesia. Os traduzíveis seriam os símiles e as metáforas comuns aos seres humanos. Os elementos intraduzíveis dizem respeito a palavras de sons semelhantes, mas significado diverso (polissemia), os sons e valores rítmicos das palavras escolhidas pelo poeta para criar um efeito auditivo na sua

própria linguagem. Manuel Bandeira, como se pode ver no decorrer do presente trabalho, também trabalha dentro das contradições: apesar de haver traduzido praticamente toda a vida, considera que a poesia é essência intraduzível. (PAES, 2000)

Segundo Milton (1998), "a obra original é inviolável e, qualquer tradução não pode ser mais do que uma sombra". A literatura é um sistema, onde forças conservadoras e inovadoras lutam incessantemente. Itamar Even-Zohar (citado por MILTON, 1998) é aquele que analisa o papel da literatura traduzida dentro do sistema literário, ocupando qualquer um dos lados, seja ele conservador ou inovador, ela sempre tentará modelar o polissistema literário de uma língua.

A poesia, no geral, é algo ainda mais difícil de traduzir, pois se refere à pluralidade do significado, à polissemia dos vocábulos, à cultura e às formas, para além da simples palavra escrita. Isso, hipoteticamente, faria com que um autor de poesias fosse, automaticamente, um bom tradutor de poesia. Mas isso não é a regra: muitos, ao colocarem seus "dotes" de autores no poema traduzido, transformam-no em uma adaptação, muitas vezes sem a essência do original. Por esse motivo, por mais que o tradutor tente se manter invisível aos olhos do leitor, vai transferir para a obra a sua visão de mundo dentro de sua própria escolha de palavras e também dentro da forma com que interage com elas.

## **2 MANUEL BANDEIRA – O HOMEM E AUTOR**

### **2.1 UMA RÁPIDA BIOGRAFIA**

O homem Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu em 1886, no Recife. É filho de um engenheiro-civil, Manuel Carneiro de Souza Bandeira e de Francelina Ribeiro de Souza Bandeira. Em 1890, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, depois para Santos, São Paulo e, novamente, Rio, voltando para Recife em 1892. Lá, teve sua formação primária e secundária, bacharelando-se em Letras. Em 1903, matriculou-se na Escola Politécnica de São Paulo para fazer o curso de engenheiro-arquiteto. Adoecendo no período de férias, do primeiro para o segundo ano, teve que abandonar definitivamente os estudos. Em tratamento de saúde, tentou curar-se em Campanha (no Estado de Minas Gerais), depois partiu ainda buscando sua cura em Teresópolis, Petrópolis (no Rio), Maranguape, Uruquê, e Quixeramubim (Ceará). Por fim, foi para Clavadel, na Suíça, onde ficou pouco mais de um ano, de junho de 1913 a outubro de 1914. Lá foi companheiro de sanatório do poeta Paul Éluard.

Com esse convívio e a cabeça cheia de ideias, voltou ao Rio de Janeiro, onde publicou, em 1917, seu primeiro livro de poemas, intitulado *A cinza das horas*. Em 1918, conheceu Ribeiro Couto e, por meio dele, os escritores paulistas que, em 1922, participaram da Semana de Arte Moderna, marco oficial do movimento Modernista no Brasil. Embora ele não houvesse participado da Semana, tomou a causa da renovação modernista como sua. A partir de 1925, começou a escrever na imprensa. Colaborou com as revistas, *Ideias Ilustradas*, *Ariel*, *A Província* e dirigiu *A Revista Musical*, no Rio de Janeiro. Fez crítica literária no *O Diário de Notícias*. Escreveu crônicas para *O Jornal do Brasil* (Rio) e a *Folha da Manhã* (São Paulo). Após viajar muito em 1927, foi ao Recife em 1928 para atuar como fiscal de bancas examinadoras de preparatórios. Em 1935 foi nomeado inspetor do Ensino secundário; em 1938, professor de literatura universal no externato do Colégio D. Pedro II; em 1942, professor das literaturas hispano-americanas na Faculdade Nacional de Filosofia, sendo aposentado em 1956. Em 1940, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Nos anos que se seguiram, recebeu diversos prêmios e consolidou seu papel como um dos principais pioneiros da poesia moderna e seu principal introdutor. Esse feito valeu-lhe o epíteto de Mário de Andrade: "o São João Batista do Modernismo".

Escreveu para a Editora El Ateneo, em 1963, biografias de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Castro Alves. A Editora das Américas editou *Poesia e Vida de Gonçalves Dias*. Traduziu a peça *Der Kaukasische Kreide Kreis*, de Bertold Brecht. Escreveu crônicas para o programa "Vozes da Cidade" da Rádio Roquette-Pinto, algumas das quais lidas por ele próprio, com o título "Grandes Poetas do Brasil".

Faleceu em 13 de Outubro de 1968, na cidade de Rio de Janeiro.

Barbosa (1993) afirma que toda a vida de Manuel Bandeira está como que refletida na sua poesia. Talvez não exista, na literatura da língua portuguesa, exemplo maior de transposição para o plano artístico de uma experiência pessoal, com a mesma consistência e igual intensidade, desde o primeiro poema e o derradeiro verso de *Estrela da Vida Inteira*, obra que reúne todas as suas obras.

Essa ligação intensa entre vida e poesia, pode ser sentida nas próprias palavras do autor, quando diz: "Quando caí doente em 1904, fiquei certo de morrer dentro de pouco tempo [...] mas fui vivendo, morre-não-morre. Se publiquei, em 1917 *A Cinza das Horas*, foi para, de certo modo, iludir meu sentimento de vazia inutilidade." Também nesse depoimento, o autor afirmou que, ao descobrir que desconhecidos tinham seus versos em alta estima e, com esses testemunhos de pessoas "quase de todo alheias à literatura", que começou a aceitar seu destino. "Hoje, na verdade, sinto-me em paz e pronto para o que der e vier". (BANDEIRA, s.d., p. 14)

## 2.2 O AUTOR

Iniciando suas obras com influência simbolista e parnasiana, com o livro *A cinza das horas*, de 1917. A partir de seu segundo livro (*Carnaval – 1919*), passou a libertar-se aos poucos dos antigos padrões que seguia, começando até mesmo a satirizar o modelo parnasiano, zombando-lhe os excessos através do poema “Os Sapos”, marco do Modernismo, lido por Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, da qual Bandeira não participou.

Com *Ritmo Dissoluto* (1930) continua a ruptura com os modelos parnasianos, buscando liberdade de expressão e mostra suas características mais marcantes como autor: ênfase no cotidiano, expressão em uma linguagem simples, acessível e o emprego de verso livre.

Em *Libertinagem* (1930), ocorre a ruptura definitiva com o parnasianismo e acentua a busca da liberdade de expressão. “Poética”, obra constante nesse livro, é uma profissão de fé, onde o autor afirma: “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.” Também se evidencia a característica dos poemas autobiográficos, como o famoso “Pneumotórax”. A próxima obra é *Estrela da Manhã* (1936), com diversos poemas musicados e famosos, como o “Trem de Ferro”. *Estrela da Tarde* (1963) atesta um poeta de espírito inquieto, que acompanhou as inovações de seu tempo, e também lutando por elas. (FARACO; MOURA)

Para separar Bandeira dos demais autores parnasianos e simbolistas, Dantas (in BANDEIRA, s.d, p.16), escreve:

Do trato dos clássicos trouxe o poeta uma técnica primorosa, uma língua puríssima. Ainda aqui soube ser o bom discípulo: o que aprende um método não o que decora uma fórmula; o que continua não o que repete. Por isso, a sua poesia não se ressent na sua força, não desmerece de qualidade. Domina constantemente o princípio de utilidade neste sentido: que nada se contém nela de dispensável ou meramente decorativo, mas ao contrário, tudo ali se ordena segundo uma necessidade cujo pressentimento é um milagre mesmo dessa poesia. [...] Poder-se-ia supor que essa preferência do poeta por metros e gêneros mais simples e modernamente menos usados, no nosso cansaço da eloquência parnasiana tivesse encontrado um fator de sucesso.

Dantas (in BANDEIRA, s.d.) ainda afirma que é muito estranho que todo o seu tradicionalismo de rondós, rimancetes, solaus e baladilhas passassem despercebidos pelos tradicionalistas e fossem tão aplaudidos pelos renovadores.

Manuel Bandeira é, pois, o clássico dos clássicos da literatura brasileira, com correspondentes legítimos, com a mesma técnica e espírito apenas na linhagem lírica portuguesa, dos trovadores palacianos. (DANTAS 1936, in BANDEIRA s.d.)

### 3 MANUEL BANDEIRA – O TRADUTOR

Paulo Paes (1990) fez um estudo aprofundado da figura de Bandeira como tradutor, que serviu de base para esse capítulo. Através dele, ficamos sabendo que Manuel Bandeira começou sua atividade, inicialmente por necessidade econômica e, em seguida, por gosto.

Sua carreira de tradutor começa pelo aprendizado de línguas estrangeiras. Digna de nota é a aversão do autor pelo seu professor de grego, aos quinze anos de idade, no Colégio D. Pedro II. Nunca traduziu nada do grego, mas muito do francês, do inglês, do alemão e do espanhol, idiomas que também deve ter aprendido nos bancos de escola. Começou sua carreira profissional na tradução propriamente dita, traduzindo, como suplente, telegramas de uma agência de notícias, a *United Press*, "onde teve como colegas de trabalho Sérgio Buarque de Hollanda e Vergílio Várzea. Conseguiu fazer até 700 mil réis por mês sujeitando-se a plantões noturnos. Isso por volta de 1933." (PAES, 2000, p. 59)

Logo em seguida, por recomendação de seu amigo Ribeiro Couto, Bandeira foi convidado a traduzir pela editora Civilização Brasileira um tratado de doenças hepáticas. Apesar do assunto, digamos, um pouco fora de sua alçada, ele o fez de forma limpa e rápida, conseguindo, por esse motivo, novos trabalhos da editora. Para a Civilização Brasileira, efetuou cerca de 15 trabalhos de assuntos variados, desde narrativas de viagem e biografias, até obras de divulgação científica e obras menores de autores secundários. Traduziu todas as obras com cuidado, mas talvez mais pela necessidade de complementar sua renda que especialmente pelo gosto de traduzir.

Teve dificuldades em traduzir seus próprios poemas para outras línguas e chegou à conclusão de que "poesia é mesmo coisa intraduzível" (PAES, 2000: 56) Mesmo assim, traduziu magistralmente Clavadel, Goethe, Heine e Lenau. Sua maior batalha na área de tradução poética, porém, segundo o próprio Bandeira, foram nove poemas de Hölderlin, que verteu a pedido de Otto Maria Carpeaux. Outra grande incursão como tradutor foi a tradução, em 1955, de *Maria Stuart*, teatro em versos de Schiller, para ser encenada pela companhia Cacilda Becker.

Se o francês pode ter sido a segunda língua de Bandeira, que traduziu abundantemente, o mesmo não ocorria com a língua inglesa. Ao ser elogiado por Abgar Renault num de seus artigos, pela sua habilidade ao traduzir "sutilezas, '*shades of meaning, 'idioms*'" e outras dificuldades linguísticas e gramaticais dos *Sonnets from the Portuguese*, Elizabeth Barret Browning, atribuindo seus dons não apenas à intuição poética, mas a "uma

longa e íntima familiaridade com os fatos e coisas da língua inglesa", o poeta respondeu dizendo que "todas aquelas soluções julgadas tão felizes pelo crítico, por mais cavadas ou sutis que pareçam, devem se ter processado no subconsciente, porque as traduções me saíram quase ao correr do lápis". Apesar disso, Bandeira dizia que "só traduz bem poemas que gostaria de ter feito", aqueles que exprimem coisas que já estavam dentro de si, mas informúladas. Também afirmava que deixava "o poema como que flutuar algum tempo no meu espírito, à espera de certa fixação" (PAES, 1990, p. 58).

Sobre essa afirmativa do poeta, há o comentário de Paes:

Dá-nos a confissão de Bandeira, outrossim, um vislumbre da sua oficina de tradutor de poesia, a qual não diferia substancialmente de sua oficina de poeta; numa e noutra, era a intuição criadora, a máquina secreta da subconsciência quem fornecia a matéria-prima para as elaborações da lucidez artesanal. Tanto assim que confessava só ser capaz de traduzir bem "os poemas que gostaria de ter feito", de poetas afins do seu temperamento. (1990, p. 58)

Se as traduções comerciais da vida de Bandeira não foram um trabalho cheio do encanto intelectual, já mostravam "um prelúdio de gratuidade brincalhona. Transferido para o plano da autoparódia a técnica e o espírito do poema-piada que, como se sabe, foi a pedra de toque do modernismo irreverente e iconoclasta de 22," (PAES, 2000, p. 59) utilizada em seus poemas e, principalmente, nas "traduções para o moderno", onde ele pegou poemas do romantismo, considerados piegas, e os transformou em deliciosas paródias, cheias de ironia e uma linguagem perto da popular, que jamais abandonaria em sua vida de poeta.

Quando se trata de tradução prática, Bandeira nega sua teoria da intraduzibilidade do poema, resolvendo diversos problemas, ao "alijar o supérfluo", como ele afirma em sua carta a Alphonsus de Guimaraens Filho. (PAES, 1990) Nisso, pode ser visto também o autor da economia de palavras. Para Bandeira (apud PAES, 1990, p. 61), a equivalência "consiste não na tradução extra das palavras, mas na expressão do mesmo sentimento, e até das mesmas imagens, sob forma diferente", ou seja, produzir nos leitores da língua-alvo sensações e efeitos semelhantes aos produzidos pelo poema nos leitores da língua-fonte, mesmo que as formas empregadas não sejam as mesmas para conseguir tais efeitos.

Segundo Paes (1990), Bandeira como tradutor era um paradoxo: teoricamente considerava a poesia intraduzível, enquanto que, na prática, fazia da tradução literária e poética atividades regulares. E, mais importante: não deixou esses exercícios de tradução trancados em uma gaveta ou em semanários, onde seriam logo esquecidos, mas publicou-os, tanto em livros de obras poéticas suas, como em um compêndio especial, só de poemas traduzidos.

Colocar-se, assim, em evidência, cria tanto elogios quanto críticas. E o Bandeira tradutor também as recebeu da pena de Sérgio Millet, que afirmava que Bandeira tinha " vaidade [...] e um menosprezo às produções alheias, por *dever de ofício* traduzidas" (PAES, 1990, p. 64). Mas isso não impediu que seus poemas traduzidos sejam apreciados por muitos até os dias de hoje.

Uma cronologia de traduções:

- 1945-1948 - Compila e lança seus Poemas Traduzidos
- 1955: *Maria Stuart*, de Schiller (1955);
- 1956: *Macbeth*, de Shakespeare; *La Machine Infernale*, de Jean Cocteau;
- 1957: *June and the Peacock*, de Sean O' Casey; *The Rain Maker*, de N. Richard Nash.

Nesse ano, publicou *Flauta de Papel*. Em julho viajou para a Europa, visitando Londres, Paris, e algumas cidades da Holanda. Retornou ao Brasil em novembro.

- 1958: Traduziu *The Matchmaker (A Casamenteira)*, de Thornton Wilder.
- 1960: Traduziu o drama *D. Juan Tenório*, de Zorrilla pela Editora Dinamene, da Bahia. Saiu na França, pela Pierre Seghers, *Poèmes*, antologia de poemas de Manuel Bandeira em tradução de Luís Aníbal Falcão, F. H. Blank-Simon e do próprio autor.
- 1961: Neste ano traduziu *Mireille*, de Frédéric Mistral. Começou a escrever crônicas semanais para o programa "Quadrante" da Rádio Ministério da Educação. Em 1962, traduziu o poema *Prometeu e Epimeteu* de Carl Spitteler.
- 1964: Traduziu as peças *O Advogado do Diabo*, de Morris West, e *Pena Ela Ser o Que É*, de John Ford. Saiu nos EUA, pela Charles Frank Publications, *A Brief History of Brazilian Literature* (tradução, introdução e notas de R. E. Dimmick).
- 1965: Traduziu as peças *Os Verdes Campos do Eden*, de Antonio Gala. *A Fogueira Feliz*, de J. N. Descalzo, e *Edith Stein na Câmara de Gás* de Frei Gabriel Cacho.

Saiu na França, pela Pierre Seghers, na coleção "Poètes d'Aujourd'hui", o volume *Manuel Bandeira*, com estudo, seleção de textos, tradução e bibliografia por Michel Simon.

## 4 ANÁLISE DE OBRAS TRADUZIDAS

Nessa análise, autor e tradutor são colocados frente a frente, onde o primeiro seria o criador e o segundo, o recriador. Não há evidências de que bons autores tenham sido bons tradutores e, vice-versa. Porém, ao que tudo indica, quando ocorre que um autor seja um tradutor eficiente, o que ele traduz e como ele traduz vão influenciar em sua obra, assim como o que quer que o autor tenha escrito, também parece influenciar nas suas escolhas como tradutor.

Para que isso seja visto mais de perto, esse capítulo mostra biografias resumidas dos autores estudados, alguns dos originais e também as traduções de Bandeira, analisadas.

### 4.1 EMILY DICKINSON (1830- 86)

Emily Elizabeth Dickinson, filha de um proeminente advogado de Amherst, educou-se na Academia de Amherst e frequentou durante um ano o seminário feminino de Moun Holyoke, dirigido por May Lyon. Sua vida exterior foi considerada insignificante. Durante os últimos anos de sua vida, manteve contato com pouquíssimas pessoas, fortalecendo a mística que pairava em torno de si como reclusa. Mesmo sem ter casado, mantinha camaradagem intelectual com homens, a quem chamava estranhamente de tutores, entre eles o reverendo Charles Wadsworth, de Filadélfia, a quem conheceu em 1954 e chamou de "amigo terreno mais prezado", e o "amante que jamais viria a conhecer, salvo em sua imaginação" (MARQUES, s.d.). Toda a sua obra foi mantida no mais perfeito segredo, enquanto vivia, mas prolífica. Havia composto mais de mil peças líricas, com ponderações sobre todos os assuntos, desde registros da vida a sua volta, até "obscuros êxtases deflagrados pela mudança das estações e por incidentes ocorridos em casa ou no jardim, de cândidos vislumbres de seus estados de consciência e de especulações sobre os eternos mistérios do amor e da morte". (MARQUES, s.d.)

Seu estilo era bem paradoxal, podendo exprimir dores e valores materiais e imateriais, dores de uma pungência atroz em tom de chiste. Ela era concisa e essencial, mas sua perícia na modulação dos metros simples e seu sutil domínio das rimas imperfeitas eram incomparáveis. "Suas metáforas precisas levaram os imagistas a reclamarem-na como precursora" (MARQUES, s.d.). Também a liberdade e concisão de seus versos lembram os modernistas.

#### 4.1.1 A Cemetery

This quiet Dust was Gentlemen and Ladies,  
And Lads and Girls;  
Was laughter and ability and sighing,  
And Frocks and curls.

This passive place a Summer's nimble mansion,  
Where Bloom and Bees  
Fulfilled their Oriental Circuit,  
Then ceased like these.

#### Cemitério

Este pó foram damas, cavalheiros,  
Rapazes e meninas;  
Foi riso, foi espírito e suspiro,  
Vestidos, tranças finas.

Este lugar foram jardins que abelhas  
E flores alegravam.  
Findo o verão, findava o seu destino...  
E como estes, passaram.

Manuel Bandeira respeitou o metro e a rima “imperfeita” do original. A última estrofe foi "simplificada", perdendo-se as metáforas originais, como por exemplo, "*their Oriental Circuit*" por "seu destino". Isso ocorreu, entretanto, sem que se perdesse a essência do poema. Essa preocupação mostra uma característica importante do Manuel Bandeira tradutor: importar-se com a essência do original, mesmo que seja apenas ao traduzir os poemas do inglês "por intuição".

É também interessante notar que o tradutor realizou omissões, simplificando ainda mais a linguagem do original. Exemplo disso é a omissão da palavra *quiet*, no primeiro verso. Isso pode ter ocorrido como forma de manter o ritmo do poema original, visto que o inglês é uma língua mais sucinta que o português, ou porque simplesmente o estilo de Bandeira também se "casava" com o de Dickinson, nessa economia de palavras.

#### 4.1.2 I Died for Beauty

I died for beauty, but was scarce  
Adjusted in the tomb,  
When one who died for truth was lain  
In an adjoining room.

He questioned softly why I failed?  
"For beauty," I replied.  
"And I for truth, - the two are one;  
We brethren are," he said.  
And so, as kinsmen met at night,  
We talked between the rooms,  
Until the moss had reached our lips  
And covered up our names.

### **Beleza e Verdade**

Morri pela beleza, mas apenas estava  
Acomodada em meu túmulo,  
Alguém que morrera pela verdade,  
Era depositado no carneiro próximo.  
Perguntou-me baixinho o que me matara.  
– A beleza, respondi.  
– A mim, a verdade, – é a mesma coisa,  
Somos irmãos.

E assim, como parentes que uma noite se encontram,  
Conversamos de jazigo a jazigo  
Até que o musgo alcançou os nossos lábios  
E cobriu nossos nomes.

Bandeira, nesse poema, respeitou o verso livre do original, e a economia de palavras. Transcreveu o diálogo (colocado dentro do poema no padrão da língua inglesa) para o padrão em português. É interessante notar o uso da palavra corrente "room" para a descrição do local onde os dois foram enterrados, transportados ao português por Bandeira de duas formas: "carneiro" e "jazigo".

#### 4.1.3 I Never Lost As Much

I never lost as much but twice,  
And that was in the sod;  
Twice have I stood a beggar  
Before the door of God!  
Angels, twice descending,  
Reimbursed my store,  
Buglar, banker, father,  
I am poor once more!

### **À Porta de Deus**

Duas vezes perdi tudo  
E foi debaixo da terra.  
Duas vezes parei mendigo  
À porta de Deus.

Duas vezes os anjos, descendo dos céus,  
Reembolsaram-me de minhas provisões.  
Ladrão, banqueiro, pai,  
Estou pobre mais uma vez!

Dickinson não tinha por costume colocar títulos em seus poemas. Por isso, geralmente, eles ficaram conhecidos por seus primeiros versos. Bandeira, em sua tradução, rebatizou seu poema. As rimas (apenas os versos B e D rimando) não foram mantidas na tradução. O vocabulário corriqueiro foi mantido.

#### 4.1.4 Análise Geral dos Poemas e da Tradução

Muitos dos poemas lidam com a morte de forma quase zombeteira, mas ao mesmo tempo poética e concisa. O uso de poucas palavras também está presente na obra de Bandeira como autor, além da presença do humor e do tema morte. Talvez por esse motivo o tradutor tenha traduzido tantos poemas da autora: os poemas falavam a seu temperamento: temas e estilos afins.

## 4.2 ELIZABETH BARRET BROWNING

A autora, nascida em Durham, em 1806, foi uma das grandes poetisas da Era Vitoriana. É impossível citar Elizabeth sem falar do seu casamento com Robert Browning, pois muitos de seus poemas celebravam o amor que nutria por seu marido e a felicidade do amor correspondido. Teve uma vida simples, mas seus poemas a elevaram à categoria de "o novo Wordsworth".

### 4.2.1 Três Sonetos

I  
My letters! All dead paper... mute and white! -  
And yet they seem alive and quivering  
Against my tremulous hands which loose the string

And let them drop down on my knee tonight.  
This said... he wished to have me in his sight  
Once, as a friend: this fixed a day in spring  
To come and touch my hand... a simple thing,  
Yet I wept for it! – this... the paper's light...  
Said, *Dear, I love thee*; and I sank and quailed  
As if God's future thundered on my past.  
This said, *I am thine* - and so its ink has paled  
With lying at my heart that beat too fast.  
And this... O Love, thy words have ill availed,  
I, what this said, I dared repeat at last!

As minhas cartas! Todas elas frio,  
Mudo e morto papel! No entanto agora  
Lendo-as, entre as mãos trêmulas o fio  
Da vida eis que retorno hora por hora.  
Nesta queria ver-me - era no estio -  
Como amiga a seu lado... Nesta implora  
Vir e as mãos me tomar... Tão simples! Li-o  
E chorei. Nesta diz quanto me adora.  
Nesta confiou: sou teu, e empalidece  
A tinta no papel, tanto o apertara  
Ao meu peito, que todo inda estremece!  
Mas uma... Ó meu amor, o que me disse  
Não digo. Que bem mal me aproveitara,  
Se o que então me disseste eu repetisse...

Todos esses sonetos traduzidos de Browning têm uma característica em comum: Bandeira não seguiu o formato normal do soneto inglês (todos os versos juntos, ou divididos em duas partes), mas acomodou-os à estética portuguesa de sonetos. Ele seguiu a forma como a autora separou a pontuação e a distribuição irregular dos versos (que não coincidiam com vírgulas ou pontos). Pode-se afirmar que o tradutor adotou essa distribuição em todas as suas traduções de sonetos da autora.

## II

Go from me. Yet I feel that I shall stand  
Hence forward in thy shadow. Nevermore  
Alone upon the threshold of my door  
Of individual life, I shall command  
The uses of my soul, nor lift my hand  
Serenely in the sunshine as before,  
Without the sense of that which I forbore...  
Thy touch upon the palm. The widest land  
Doom takes to part us, leaves thy heart in mine  
With pulses that beat double. What I do

And what I dream include thee, as the wine  
Must taste of its own grapes. And When I sue  
God for myself, He hears that name of thine,  
And sees within my eyes the tears of two.

Parte: não te separas! Que jamais  
Sairei de tua sombra. Por distante  
Que te vás, em meu peito, a cada instante  
Juntos dois corações batem iguais.  
Não ficarei mais só. Nem nunca mais  
Dona de mim, a mão, quando a levante  
Deixará de sentir o toque amante  
Da tua, - ao que fugi. Parte: não sais!  
Como o vinho, que às uvas donde flui  
Deve saber, é quanto faço e quanto  
Sonho, que assim também todo te inclui  
A ti, amor! Minha outra vida, pois  
Quando oro a Deus, teu nome ele ouve e o pranto  
Em meus olhos são lágrimas de dois.

### III

If thou must love me, let it be for naught  
Except for love's sake only. Do not say  
"I love her for her smile ... her look... her way...  
Of speaking gently, . . for a trick of thought  
That falls in well with mine, and certes brought  
A sense of pleasant ease on such a day -  
For these things in themselves, Beloved, may  
Be changed, or change for thee, - and love so wrought,  
May be unwrought so. Neither love me for  
Thine own dear pity's wiping my cheeks dry, -  
A creature might forget to weep, who bore  
Thy comfort long, and lose thy love thereby!  
But love me for love's sake, that evermore  
Thou mayst love on, through love's eternity.

Ama-me por amor do amor somente.  
Não digas: "Amo-a pelo seu olhar,  
O seu sorriso, o modo de falar  
Honesto e brando. Amo-a por que se sente  
Minh'alma em comunhão constantemente  
Com a sua". Porque pode mudar  
Isso tudo, em si mesmo, ao perpassar  
Do tempo, ou para ti unicamente.  
Nem me ames pelo pranto quer a bondade  
De tuas mãos enxuga, pois se em mim  
Secar, por teu conforto, esta vontade

De chorar, teu amor pode ter fim!  
Ama-me por amor do amor, e assim  
Me hás de querer por toda a eternidade.

Este soneto é uma boa prova do que Bandeira respondeu como tradutor: certas coisas podem, e às vezes devem ser retiradas, cortadas, desde que a essência do poema não seja perdida, em benefício da correção da rima, ou da adequação do poema à nova língua, como rimas ou gramática. Todo o primeiro verso foi alterado, sem que houvesse prejuízo no poema.

Ao traduzir essa autora, Bandeira distancia-se de seu estilo literário como autor (que pregava a liberdade dos versos e das rimas), e também dos temas (tratou do amor) comuns da sua obra.

#### 4.3. LANGSTON HUGHES

Langston Hughes, expoente da poesia étnica dos Estados Unidos, poeta, dramaturgo, romancista, e contista, conheceu uma boa parte dos Estados Unidos e do mundo: viajou a Europa e a Rússia. Tinha simpatias proletárias, sendo um dos membros atuantes da NAACP (National Association for Awareness of Coloured People). Contemporâneo de Bandeira procurou fazer poemas objetivos, isentos de tradicionalismos, mas cheios de ritmos de jazz.

Uma vez que não se localizou os originais desses poemas, eles serão comparados apenas ao estilo do autor e do tradutor.

##### 4.3.1 Aspiração

Estirar os braços  
Ao sol nalgum lugar,  
E até que morra o dia  
Dançar, pular, cantar!  
Depois sob uma árvore,  
Quando já entardeceu,  
Enquanto a noite vem  
- Negra como eu -  
Descansar... É o que quero!

Estirar os braços  
Ao sol nalgum lugar,  
Cantar, pular, dançar  
Até que a tarde caia!  
E dormir sob uma árvore

- Este o desejo meu -  
Quando a noite baixar  
Negra como eu.

Esse poema retrata bem o estilo de Hughes, mas também o estilo de Bandeira: simples, sem tradicionalismos nas formas, sem rimas. Hughes retrata, no último verso, o fato de ser negro, o que já demonstra certa preocupação social, embora o poema seja de natureza bem lírica, o que o liga ao estilo do próprio Bandeira enquanto autor.

#### 4.3.2 Poema

A noite é bela:  
Assim os olhos do meu povo.  
As estrelas são belas:  
Belas também são as almas do meu povo.  
Belo é também o sol.  
Belas são também as almas do meu povo.

O poema de Hughes, aqui, foge um pouco do estilo de Bandeira: o louvor a sua etnia não é um tema recorrente na obra de Bandeira, mas o é na obra de Hughes. No entanto, a simplicidade das palavras continua sendo uma marca registrada do autor e também das escolhas do tradutor.

#### 4.3.3 Lua de Março

A lua está despida.  
O vento despiu a lua.  
O vento arrancou ao corpo da lua  
As suas vestes de nuvens.  
E agora ela está nua,  
Inteiramente nua.  
  
Mas já não coras,  
Ó lua impudica?  
Pois tu não sabes  
Que não é bonito estar nua?

Esse tom bem humorado também é uma característica de Bandeira. Um tom casual, compartilhado por autor e tradutor.

Esses poemas mostram Bandeira não mais traduzindo mulheres de séculos passados, mas alguém que viveu na mesma época, numa outra realidade. Bandeira manteve o estilo simples de Hughes, mas não perdeu a essência do poema, que é a manutenção da alma e do orgulho negro. Mesmo não tendo alguma relação com a história de vida do tradutor, os estilos são muito parecidos, e o tom de ironia fina de alguns dos poemas do autor deve também ter chamado a atenção de Bandeira.

#### 4.4. ARCHIBALD MCLEISH

Nascido em 1892, McLeish foi um advogado militante, além de poeta. Após a Primeira Grande Guerra, exilou-se voluntariamente na Europa. Sua poesia refletia o homem sem esperança num mundo destruído do período pós-guerra. Também descreve as lutas sociais, as ditaduras disfarçadas de democracia, a crueldade impessoal da guerra. Ao voltar para os EUA, tem um sentimento de nacionalismo e luta pela existência de artistas engajados na participação social.

##### 4.4.1 1892-19...

Haverá pouca coisa a esquecer:  
O vôo dos corvos,  
Uma rua molhada,  
O modo do vento sopra,  
O nascer da lua, o pôr do Sol,  
Três palavras que o mundo sabe,  
Pouca coisa a esquecer.

Será bem fácil de esquecer,  
A chuva pinga  
Na argila rasa  
E lava os lábios,  
Olhos e cérebro.  
A chuva pinga na argila rasa.

A chuva mansa lavará tudo:  
O vôo dos corvos,  
O modo do vento soprar,  
O nascer da lua, o pôr do Sol.  
Lavará tudo, até chegar  
Aos duros ossos desnudados,  
E os ossos, os ossos esquecem.

Essa obra mostra a fase de McLeish do homem desiludido e certo de sua própria morte. A fixação na morte também é uma constante de Bandeira. Isso ocorre pela doença do tradutor, e por tudo o que passou em sua vida. Isso pode ser confirmado pela própria afirmação de Bandeira, já citada nesse artigo, de que passara a vida inteira esperando a morte. Não se sabe se os versos são livres no original, mas o tradutor optou por versos livres, uma de suas características como autor.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse artigo procurou discutir a invisibilidade do tradutor literário de poesia, mostrando que é impossível que um tradutor mantenha-se insensível à obra que está traduzindo, mas também a seu próprio estilo, cultura e época; seja o tradutor um autor ou não. Assim, a tradução literária tem diversas faces, que passam obrigatoriamente pelo julgamento do tradutor, fazendo com que ele tenha um papel essencial nas escolhas de palavras, tons e recursos utilizados na tradução.

É impossível que o tradutor seja apenas uma sombra entre o leitor de língua estrangeira e o autor, ainda mais se esse tradutor for um autor, com estilo próprio. É impossível deixar de misturar influências, tanto de seu talento próprio quanto do seu conhecimento de mundo, em seu trabalho como tradutor.

É indiscutível o valor de Bandeira como cânone do Modernismo e da literatura brasileira como um todo. Mas sua importância vence as fronteiras do país e da língua e chegam a outros locais e linguagens com igual maestria.

Como se pode ver nesse artigo, o Manuel Bandeira homem se reflete no autor e também no tradutor. Ele genialmente utilizou seus dons poéticos para tornar-se um grande tradutor, a despeito de seu conceito de poesia intraduzível. O poema intraduzível pode ser até mesmo o dele, que admitiu ter tido dificuldade em traduzir ou verter. Esse homem cheio de contradições acha o próprio poema intraduzível, mas dá lições sobre "cortar e mudar o que for necessário, mas mantendo a essência, para traduzir um poema satisfatoriamente".

Podemos ver traços do Bandeira autor espalhados por toda a sua obra traduzida. Seu estilo mistura-se ao dos autores traduzidos, formando uma harmonia que embeleza o poema em língua portuguesa sem, contudo, deixar que ele perca sua essência.

Apesar de estudado e analisado por tradutores e outros estudiosos, o Bandeira tradutor é pouco conhecido do grande público leitor de poesias, o que privaria o público de deleitar-se com verdadeiras pérolas de valor inestimável da literatura mundial, vertidas para o português com grande eficiência.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poemas Traduzidos*. Rio de Janeiro: Technoprint, s.d.

\_\_\_\_\_. *Meus Poemas Preferidos*, Rio de Janeiro: Technoprint, s.d.

\_\_\_\_\_. *Os melhores poemas*. 7.ed. São Paulo: Global, 1993.

BARBOSA, Francisco de Assis, *nota bibliográfica* in, BANDEIRA, Manuel, *Os melhores Poemas*. São Paulo, Global: 1993.

BROWNING, Elizabeth Barret. *The works of Elizabeth Barret Browning*. Hertfordshire: Wordsworth Poetry Library: 1994.

DANTAS, Pedro. *Acre Sabor*. 1936. In BANDEIRA. *Meus Poemas Preferidos*, Rio de Janeiro: Technoprint, s.d.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1988.

MARQUES, Oswaldino (org.). *Poesia dos Estados Unidos*. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: Technoprint, s.d.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAES, Paulo José *Tradução a ponte Necessária*. São Paulo: Ática, 1990.